ReGeo ISSN: 2177-3246

INFORMAÇÃO, CERTEZA E IDENTIDADE: RUMO A UMA FENOMENOLOGIA DA INFORMAÇÃO PARA ALÉM DA FENOMENOLOGIA DO TEMPO

INFORMATION, CERTAINTY AND IDENTITY: TOWARDS A PHENOMENOLOGY OF INFORMATION BEYOND THE PHENOMENOLOGY OF TIME

INFORMACIÓN, CERTEZA E IDENTIDAD: HACIA UNA FENOMENOLOGÍA DE LA INFORMACIÓN MÁS ALLÁ DE LA FENOMENOLOGÍA DEL TIEMPO

https://doi.org/10.56238/revgeov17n7-064

Data de submissão: 30/05/2026 **Data de publicação:** 14/07/2026

Lucas Jaued Braga Felício da Silva
Doutor em Filosofia - Linha de Pesquisa: Lógica, Ciência, Mente e Linguagem
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
E-mail: lucasjaued@gmail.com

RESUMO

A pesquisa contribui para uma rearticulação inovadora da Filosofia da Informação ao defini-la como uma fenomenologia da informação, tanto em seu sentido mais básico de fenomenologia da certeza quanto de fenomenologia da identidade. Sustenta-se que a condição última de possibilidade da experiência consciente é a certeza, compreendida em termos de identidade reflexiva e coincidência informacional, com base na Singularidade Informacional da Autoconsciência (ISS) e no Princípio da Relação Direta (PDR). Ao contrário das concepções predominantes que privilegiam a incerteza, a análise revela que a certeza possui um valor informacional intrínseco, estabiliza fenômenos e constitui a base da cognição, do significado e da autoconsciência. A pesquisa demonstra também que essa fenomenologia da informação generaliza a fenomenologia da consciência interna do tempo de Husserl: as estruturas de temporalidade (isto é, retenção, protensão, o presente vivo) pressupõem um estrato anterior de identidade informacional. A correspondência entre certeza e tempo é estruturalmente comparável à correspondência entre lógica de predicados e lógica proposicional; a certeza fornece a base estrutural mais rica para a afirmação do tempo. Combinando abordagens fenomenológicas, semânticas e quantitativas, o arcabouço teórico oferece uma solução abrangente com implicações filosóficas para a filosofia da mente, a lógica e a filosofia da informação. Ele disponibiliza novos instrumentos conceituais para abordar questões filosóficas clássicas sobre identidade, analiticidade e a base informacional da experiência.

Palavras-chave: Filosofia da Informação. Certeza. Identidade. Fenomenologia. Autoconsciência. Consciência do Tempo. Estrutura Informacional.

ABSTRACT

This research contributes to an innovative re-articulation of the Philosophy of Information by defining it as a phenomenology of information, both in its most basic sense as a phenomenology of certainty and as a phenomenology of identity. It is argued that the ultimate condition of possibility for conscious experience is certainty, understood in terms of reflexive identity and informational coincidence, based on the Informational Singularity of Self-Consciousness (ISS) and the Principle of Direct Relation (PDR). Contrary to prevailing conceptions that privilege uncertainty, the analysis reveals that certainty possesses intrinsic informational value, stabilizes phenomena, and constitutes the basis of cognition, meaning, and self-consciousness. The research also demonstrates that this phenomenology of information generalizes Husserl's phenomenology of internal time-consciousness: the structures of temporality (that is, retention, protention, the living present) presuppose a prior stratum of

informational identity. The correspondence between certainty and time is structurally comparable to the correspondence between predicate logic and propositional logic; certainty provides the richer structural basis for the affirmation of time. Combining phenomenological, semantic, and quantitative approaches, the theoretical framework offers a comprehensive solution with philosophical implications for philosophy of mind, logic, and philosophy of information. It provides new conceptual instruments for addressing classical philosophical questions about identity, analyticity, and the informational basis of experience.

Keywords: Philosophy of Information. Certainty. Identity. Phenomenology. Self-Consciousness. Time-Consciousness. Informational Structure.

RESUMEN

Esta investigación contribuye a una re-articulación innovadora de la Filosofía de la Información al definirla como una fenomenología de la información, tanto en su sentido más básico como fenomenología de la certeza como de fenomenología de la identidad. Se sostiene que la condición última de posibilidad de la experiencia consciente es la certeza, entendida en términos de identidad reflexiva y coincidencia informacional, sobre la base de la Singularidad Informacional de la Autoconsciencia (ISS) y del Principio de Relación Directa (PDR). Contrariamente a las concepciones predominantes que privilegian la incertidumbre, el análisis revela que la certeza posee un valor informacional intrínseco, estabiliza fenómenos y constituye la base de la cognición, el significado y la autoconsciencia. La investigación también demuestra que esta fenomenología de la información generaliza la fenomenología de la conciencia interna del tiempo de Husserl: las estructuras de temporalidad (es decir, retención, protensión, el presente vivido) presuponen un estrato anterior de identidad informacional. La correspondencia entre certeza y tiempo es estructuralmente comparable a la correspondencia entre lógica de predicados y lógica proposicional; la certeza proporciona la base estructural más rica para la afirmación del tiempo. Combinando enfoques fenomenológicos, semánticos y cuantitativos, el marco teórico ofrece una solución integral con implicaciones filosóficas para la filosofía de la mente, la lógica y la filosofía de la información. Proporciona nuevos instrumentos conceptuales para abordar cuestiones filosóficas clásicas sobre identidad, analiticidad y la base informacional de la experiencia.

Palabras clave: Filosofía de la Información. Certeza. Identidad. Fenomenología. Autoconsciencia. Conciencia del Tiempo. Estructura Informacional.

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia da Informação desenvolveu-se em duas direções principais. As teorias quantitativas, originadas na teoria da informação, descrevem a informação em termos de redução da incerteza, probabilidade e entropia (Andersen & Grush, 2009; Atkins, 2024). As abordagens semânticas e epistêmicas, por sua vez, concentram-se no significado, na verdade e no conhecimento e, na maioria dos casos, consideram a informação como dados dotados de significado e bem estruturados (Barwise & Seligman, 1997; Brentano, 2012). Embora difiram entre si, essas tradições convergem para uma premissa comum: a informação é valiosa, antes de tudo, na medida em que elimina a indeterminação. Nesse contexto, a certeza é geralmente vista como informacionalmente trivial, epistemicamente redundante ou meramente psicológica. O que permanece, em grande parte, não analisado é a determinação fenomenológica da informação enquanto tal — isto é, como a informação se apresenta, se fixa e é vivenciada na perspectiva de primeira pessoa, bem como quais são as condições estruturais dessa própria apresentação (Brentano, 2012; Bruni, 2025; Ciocan, 2025).

Essa limitação também se faz presente na fenomenologia. Desde que Husserl escreveu sobre o tema da consciência interna do tempo, a investigação fenomenológica tendeu a considerar a articulação temporal como a fonte primordial da experiência. A retenção, a impressão primordial e a protensão são apontadas como a estrutura mínima através da qual a experiência pode parecer contínua, unificada e dotada de significado (Dretske, 1981). Essa estrutura temporal tem sido essencial para o estudo da dinâmica da experiência, mas também fomentou a percepção de que a consciência do tempo constitui a situação fenomenológica mais profunda. Consequentemente, não se explorou adequadamente o fato de que o próprio tempo pressupõe algo mais profundo no nível da estrutura vivenciada (Emami & Hunt, 2025; Findlay, 1975; Fresco & Michael, 2016).

É na convergência de ambas as tradições em torno de uma assimetria metodológica — segundo a qual a incerteza tem precedência na teorização da informação, enquanto o tempo tem precedência na fenomenologia — que reside essa questão (Fresco & Michael, 2016; Haj-Bolouri, 2025; Huang, 2025). Esta pesquisa contesta ambas as suposições ao oferecer uma reformulação inovadora da Filosofia da Informação como uma fenomenologia da informação — concebida, em sua forma mais básica, como uma fenomenologia da certeza (Haj-Bolouri, 2025; Huang, 2025; Husserl, 2012). A certeza aqui desenvolvida não é uma atitude epistêmica em relação a proposições, nem uma sensação subjetiva de confiança ou um vácuo de informação. Trata-se, antes, de uma estrutura de informação fundamentada na identidade e na coincidência reflexiva — a coincidência entre representação e representado, um sistema consigo mesmo (Husserl, 2012, 2019; Jansen & van der Steen, 2025; Jaued, 2025).

É com base nisso que a certeza possui valor informacional. Ela consolida a identidade, fixa o sentido e possibilita distinguir, negar e comparar. Sem a certeza, não poderia haver fenômeno capaz de preservar sua identidade diante de uma variação, nem conteúdo dado de forma determinada, nem experiência que se apresentasse, de fato, como experiência (Kelly, 2025). Mesmo as noções de incerteza, contraste e diferença informacional pressupõem a existência de um pano de fundo de certeza sobre o qual a variação pode ocorrer. A informação, contudo, não se opõe à certeza; ela é uma de suas manifestações mais fundamentais.

Essa reavaliação traz consequências fundamentais para a fenomenologia. A experiência, para ser vivenciada, deve ser certa — condição necessária para que ela constitua uma vivência específica para o sujeito. Essa garantia não é obtida por meio de inferência, comparação ou mesmo síntese temporal; ela é anterior a esses processos. Estruturas temporais como sucessão, retenção e protensão são articulações da experiência; isto é, elas não indicam a razão pela qual a experiência ocorre inicialmente (Kelly, 2025; Kolmogorov, 1965). A retenção pressupõe fixação; a continuidade pressupõe identidade; e a diferenciação temporal pressupõe algo que permanece o mesmo em meio à mudança. Embora a certeza e o tempo estejam mutuamente implicados na experiência vivida, sua relação é assimétrica: o tempo expressa a experiência, enquanto a certeza expressa a possibilidade dela.

Esse desequilíbrio manifesta-se de forma particularmente aguda na situação da autoconsciência. Em sua forma mais simples, a autoconsciência é não inferencial, não contrastiva, não relacional, não dual e reflexiva (Liu, 2022; McInerney, 1988). Identidades fenomenológicas como “eu sou eu” ou “eu existo” não são apenas verdades analíticas, mas estruturas informacionais constitutivas dotadas de certeza máxima. Nessas estruturas, estabelecem-se a unidade, a estabilidade e a coerência ao longo da mudança temporal, permitindo que o sujeito permaneça o mesmo sujeito, ainda que em transformação. A autoconsciência é, então, uma singularidade informacional — um ponto de máxima identidade e certeza a partir do qual emerge a experiência na dimensão temporal.

A conexão entre certeza e tempo pode ser explicada por meio de uma analogia com a lógica formal. Assim como a lógica de predicados revela um nível estrutural mais profundo subjacente à lógica proposicional, os dados fornecidos pela fenomenologia da certeza revelam uma estrutura fundamental da informação que subjaz à fenomenologia do tempo. Essa analogia não reduz a experiência fenomenológica ao nível dos sistemas formais, mas serve para esclarecer relações de dominância e dependência estruturais (McInerney, 1988; Merlan, 1947; Missel *et al.*, 2025; Nagel, 1974). A consciência do tempo não é obsoleta, mas já não constitui o fundamento último.

Esta pesquisa visa formular uma fenomenologia da informação baseada na certeza como identidade informacional e demonstrar que esse quadro teórico oferece uma explicação da

fenomenalidade mais fundamental do que a consciência do tempo. O objetivo é unir a análise fenomenológica a recursos conceituais da filosofia da informação e da lógica, a fim de explicitar as condições estruturais de possibilidade da experiência, do sentido e da autoconsciência. Esse método é relevante por sua capacidade de integrar concepções quantitativas, semânticas e fenomenológicas de informação e de proporcionar uma reconsideração sistemática das raízes da própria fenomenologia. A pesquisa oferece novos recursos conceituais para solucionar problemas clássicos relativos à identidade, à analiticidade e à experiência consciente, ao considerar a ausência de certeza como um fundamento informacional, e não como uma ausência de informação.

2 MÉTODOS

2.1 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA E DESCRIÇÃO EIDÉTICA

Essa técnica analítica envolve a descrição detalhada de um fenômeno ou situação, examinando suas características, significados e interpretação. Esse método de análise é utilizado para descrever uma situação ou fenômeno com grande detalhamento, abordando suas propriedades, significados e interpretação. Esta pesquisa segue principalmente a tradição husserliana de análise fenomenológica clássica como sua estrutura metodológica central. O processo de investigação não visa definir estados mentais empíricos reais, processos psicológicos ou sentimentos subjetivos *per se*, mas sim definir as condições estruturais da natureza da experiência consciente que estão invariavelmente presentes. Com base nisso, a análise será realizada utilizando a descrição eidética, examinando o que é necessário para que os fenômenos possam ocorrer, independentemente de variações empíricas contingentes.

No cerne dessa estratégia está o foco na manifestação em primeira pessoa, na identidade e na fixação da experiência. A certeza é considerada fenomenologicamente não mais como uma crença ou atitude em relação a proposições, mas como um caráter estrutural da própria manifestação. A redução fenomenológica é aplicada metodologicamente na medida em que razões empíricas, causais e naturalistas são colocadas entre parênteses para concentrar a atenção nas condições de manifestação e de autodoação. Isso se justifica pelas afirmações desta abordagem, que dizem respeito à necessidade fenomenológica e não à generalidade empírica.

Essa abordagem não se vincula a teorias psicológicas, modelos neurocientíficos ou reduções naturalistas, mantendo, contudo, rigor quanto à necessidade estrutural e à adequação descritiva. O objetivo não é explicar como a experiência surge causalmente, mas compreender o que significa a experiência ser, em primeiro lugar, uma possibilidade. A Tabela 1 apresenta os níveis fundamentais da certeza fenomenológica e seus papéis na experiência.

Tabela 1. Níveis fundamentais de certeza fenomenológica e seus papéis na experiência

Nível da Análise	Objeto da Análise	Modos de Certeza	Caráter Metodológico	Função no Argumento
Nível Fenomenológico 1	Condições de aparecimento e de dadaidade em primeira pessoa	**Certeza da aparência** (autodação, não relacional)	Eidético, não empírico, descritivo	Estabelece a condição de possibilidade da fenomenalidade enquanto tal.
Nível Informacional	Identidade, fixação e coincidência reflexiva	**Identidade, fixação e coincidência reflexiva**	Estrutural-conceitual, não redutivo	Fundamenta a unidade, a estabilidade e a determinabilidade da experiência.

Fonte: Elaborada pelos autores

2.2 ANÁLISE CONCEITUAL E ESTRUTURAL

A análise fenomenológica é complementada por uma análise conceitual e estrutural baseada na filosofia da informação, na lógica e na metafísica. Alguns dos conceitos mais importantes — como informação, certeza, identidade, reflexividade e autoconsciência — são explorados em nível estrutural, com ênfase particular nas relações de dependência e precedência. A análise não apresenta definições estipulativas, mas esclarece a maneira como esses conceitos operam dentro de um quadro explicativo.

Trata-se de um trabalho conceitual que diferencia vários sentidos de identidade (lógico, fenomenológico e informacional) e vários sentidos de certeza (epistêmico, psicológico e fenomenológico). A formulação explícita de assimetrias estruturais é realizada por meio de argumentos sobre pressuposição e fundamentação — como, por exemplo, o argumento de que a articulação do tempo pressupõe a identidade, e que a identidade pressupõe a certeza. Essas associações não são deduzidas propriamente ditas, mas defendidas com base na necessidade lógica.

Analogias com a lógica formal — como a correspondência entre a lógica de predicados e a lógica proposicional — são utilizadas como ferramentas heurísticas para elucidar níveis de profundidade estrutural. Tais analogias não visam reduzir fenômenos fenomenológicos a sistemas formais, mas servem para explicar a existência de uma prioridade explicativa e de uma dependência estrutural no argumento.

2.3 USO INTEGRATIVO DA TEORIA DA INFORMAÇÃO

Esta pesquisa adota uma posição integrativa, porém não redutiva, em relação às teorias quantitativas e semânticas da informação. Tanto as descrições clássicas da informação — como redução da incerteza, probabilidade ou entropia — quanto as teorias semânticas da informação (que se concentram no significado e na referência) são consideradas formalmente rigorosas, porém incompletas quando vistas como descrições fundamentais da informação. No entanto, essas teorias não são descartadas, mas situadas no contexto de uma fenomenologia mais ampla.

As restrições estruturais impostas por conceitos da teoria da informação para descrever diversos níveis de organização informacional não constituem *explanans* empíricos da experiência fenomenológica. Não se recorre a formalismos matemáticos, nem se reivindica a medição ou a computação da informação em sistemas cognitivos. Em vez disso, a análise concentra-se no papel conceitual da certeza como identidade informacional, bem como em sua conexão com princípios informacionais definidos.

Essa posição integrativa permite que a pesquisa faça a mediação entre a fenomenologia e a filosofia moderna da informação, sem adotar uma abordagem naturalizada ou empiricamente reducionista. O resultado é o desenvolvimento de um paradigma no qual os aspectos quantitativos, semânticos e fenomenológicos da informação são percebidos como complementares, e não conflitantes.

2.4 ESCOPO, LIMITAÇÕES E PADRÕES FILOSÓFICOS

A pesquisa possui um escopo metodológico não empírico e não naturalista. Seu objetivo não é comparar teorias científicas concorrentes sobre a cognição, nem formular hipóteses testáveis a respeito de mecanismos neurais ou computacionais. Suas afirmações são de natureza filosófica e são avaliadas com base nos critérios de inteligibilidade conceitual, consistência interna e suficiência explicativa.

Por outro lado, a análise é restringida pelo pré-requisito de plausibilidade fenomenológica: as estruturas apresentadas devem estar relacionadas a características familiares da experiência. Sempre que viável, novas alegações são ancoradas em uma tradição existente por meio de distinções fenomenológicas clássicas. A estrutura teórica permanece aberta, seja empírica ou formalmente, a futuras extensões, mas tais extensões estão fora do escopo da presente investigação.

3 RESULTADOS

A seção de Resultados sintetiza as principais descobertas e contribuições conceituais. A Tabela 2 apresenta as principais constatações relacionadas à certeza, à autoconsciência e à estrutura da experiência.

Tabela 2. Principais Constatações: Certeza, Autoconsciência e Estrutura da Experiência

Descoberta	**Descrição**	**Nível da Análise**	**Implicações Conceituais**	**Relações com o Tempo**
A certeza como identidade informacional	A certeza é uma estrutura informacional na qual a representação coincide com o que é representado; não se	Informacional	Fornece a camada fundamental para toda a cognição e experiência subsequentes;	A articulação temporal pressupõe essa certeza; a identidade

	trata da ausência de informação, mas de um modo fundamental de constituição.		assegura a estabilidade e a coerência dos fenômenos.	precede a continuidade temporal.
Princípio de Relação Direta (PRD)	A informação é diretamente proporcional à certeza, complementando as medidas clássicas baseadas na incerteza.	Informacional	Destaca o papel constitutivo da certeza; mostra que o valor informacional deriva da identidade, da fixação e da reflexividade.	Permite que estruturas temporais e relacionais sejam inteligíveis e estáveis.
Singularidade Informacional da Autoconsciência (SIA)	A autoconsciência emerge de uma estrutura informacional singular, caracterizada pela certeza máxima e pela identidade reflexiva.	Informativo & fenomenológico	Estabiliza o eu como um sistema coerente; fundamenta a intencionalidade e a cognição; unifica a experiência ao longo do tempo.	A sucessão temporal é possível porque a SIA mantém identidades e coerência.
Subsunção do tempo pela certeza	As estruturas temporais (retenção, protensão, presente vivo) são derivadas e dependentes da certeza.	Fenomenológica	Demonstra que o tempo fenomenológico é contingente a uma certeza prévia; esclarece a assimetria estrutural entre tempo e identidade.	A certeza fornece a condição para que a experiência temporal seja inteligível.
Certeza da experiência	A fenomenalidade requer uma certeza absoluta e intrínseca; a "certeza da experiência" é anterior à articulação temporal ou relacional.	Fenomenológica	Distingue entre a experiência da certeza e a certeza da experiência; fundamenta a possibilidade da própria fenomenalidade.	Toda experiência temporal e relacional é contingente a essa certeza fundamental.

Fonte: Elaborada pelos autores

3.1 A CERTEZA COMO IDENTIDADE INFORMACIONAL

Na filosofia e na ciência cognitiva, a certeza é tipicamente considerada uma atitude epistêmica em relação a proposições — sendo sinônimo de crença, justificação e verdade — ou possui um sentido subjetivo, como uma sensação de confiança ou segurança (Neukart, 2025). Nessas estruturas, a certeza é secundária, derivada (ou até mesmo trivial): ela não faz parte da estrutura da experiência, mas acompanha o conhecimento ou a cognição. O paradigma atual, por sua vez, redefine a certeza como uma ordem informacional, um modo básico de constituição que subjaz a todos os fenômenos de experiência e cognição (Rossi, 2025). Em particular, a certeza consiste na coincidência entre a representação e o representado — isto é, em uma escala mais ampla, na identidade de um sistema consigo mesmo de maneira reflexiva (Nagel, 1974; Neukart, 2025; Parlar-Yazıcı *et al.*, 2025). Nesse sentido, estar certo não significa ausência de informação, mas constitui uma pré-condição para a

possibilidade da informação e da inteligibilidade. Na ausência de tal certeza, não há referente constante, identidade estabelecida ou conteúdo específico que possa ser captado e assimilado.

Associado à visão clássica da informação como uma medida de redução da incerteza — perspectiva presente na teoria da informação de Shannon e desenvolvida em teorias semânticas e epistêmicas — existe um aspecto complementar e mais fundamental: a informação da certeza (Parlar-Yazıcı *et al.*, 2025; Rossi, 2025; Saitta, 2025; Sequoiah-Grayson & Floridi, 2005). Enquanto os métodos tradicionais enfatizam a diferença, a mudança ou a indeterminação como origem da informação, a abordagem informacional proposta nesta pesquisa destaca a estabilidade, a identidade e a fixação. A certeza é informativa na medida em que fornece a base formal sobre a qual distinções, negações, contrastes e comparações podem ser realizados (Su, 2025). Ela implica a determinação da identidade dos fenômenos e torna o significado determinado, persistente e inteligível ao longo do tempo. Isso significa que a presença de certeza não advém simplesmente da informação; ela é, antes, a pré-condição para que a informação exista e seja estruturada.

Esse fato reflete-se no Princípio da Relação Direta (PRD), segundo o qual o conteúdo informacional de um sistema é proporcional ao grau de certeza em que ele se baseia. Enquanto o princípio clássico da relação inversa — proeminente na teoria da informação — enfatiza o papel informacional da incerteza, o PRD aponta para o papel constitutivo da certeza (Sequoiah-Grayson & Floridi, 2005; Su, 2025; Watts, 2025; Zhang, 2025). Tal é o significado da certeza: trata-se de uma identidade informacional primária que confere aos sistemas estabilidade, coerência e autorreflexividade, permitindo-lhes alcançar continuidade e inteligibilidade. Ao pressupor a certeza como um princípio estrutural — e não como uma característica derivada —, a abordagem atual evidencia uma camada informacional que precede e garante a cognição, o significado e a própria experiência.

3.2 A SINGULARIDADE DA AUTOCONSCIÊNCIA INFORMACIONAL

A ideia da Singularidade Informacional da Autoconsciência (ISS) expressa o argumento de que a autoconsciência se baseia em uma estrutura informacional única e fundamental (Rossi, 2025). Trata-se da camada mais básica — definida pela certeza máxima e pela identidade reflexiva — sobre a qual se fundamentam toda a cognição, experiência e intencionalidade subsequentes. Nesse nível, a autoconsciência não é inferencial, contrastiva nem relacional no sentido habitual. Pelo contrário, ela é reflexiva e não dual: o eu encontra-se em uma coincidência direta e não mediada consigo mesmo, constituindo um ponto básico de coerência e estabilidade (Su, 2025). Expressões como “eu sou eu”, “eu sou eu mesmo” ou “eu existo” são paradigmáticas dessa singularidade. Não se trata de verdades

analíticas ou tautologias linguísticas, mas de afirmações de identidades fenomenológicas que constituem o eu. Elas expressam a capacidade do eu de preservar sua continuidade diante de mudanças temporais e de experiência. Nesse grau, a certeza não é um juízo epistêmico, mas uma propriedade informacional: ela estabelece uma identidade, fixa o eu e confere à experiência sua coerência ao longo do tempo. A ISS oferece, portanto, a centralidade informacional na qual o eu se possui, e que não se fragmenta na multiplicidade de experiências que ele vivencia (Zhang, 2025).

Nesse sistema, a certeza assume uma posição estrutural mais ampla. Ela representa a ordem contra a indeterminação e a identidade contra a entropia, permitindo ao sistema contrapor-se à fragmentação e manter sua integridade estrutural (Rossi, 2025). Seus correlatos informacionais são a ISS, a simetria, a coerência interna e a circularidade: o eu é um sistema reflexivo que se mantém como um invariante e, assim, determina as circunstâncias nas quais podem surgir as formas temporais, relacionais e proposicionais de experiência. Na ausência dessa singularidade, a experiência não seria estável, nem a cognição seria sistemática.

A fenomenologia e a teoria da informação também encontram uma ponte na ISS. Embora as explicações tradicionais enfatizem a incerteza, a diferenciação ou a estrutura relacional, a ISS postula a certeza como estruturalmente dominante, revelando a identidade reflexiva não como algo derivado, mas como algo constitutivo (Sequoiah-Grayson & Floridi, 2005). Ao fazer isso, lança luz sobre as circunstâncias em que todas as estruturas cognitivas e experienciais de ordem superior — incluindo memória, atenção, autorreferência e consciência temporal — podem ser organizadas. Essa forma de autoconsciência é informacional e fenomenológica, fundamentada em uma certeza singular que é constitutiva, estabilizadora e unificadora.

3.3 DO TEMPO À CERTEZA: A ABRANGÊNCIA DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Os estudos sobre a consciência do tempo conduzidos por Edmund Husserl são considerados pioneiros no campo da fenomenologia. A estrutura mínima pela qual a consciência se articula temporalmente compreende a retenção, a protensão e o vivido (*Lebendigkeit*) (Jaued, 2025; Kelly, 2025; Kolmogorov, 1965). Essas categorias temporais oferecem uma perspectiva sobre como as experiências se sucedem, como a continuidade é alcançada e como o eu percebe o continuum de um mundo coerente e extenso. Husserl apresenta um arcabouço que permanece essencial para a compreensão da organização temporal da experiência, mas que pressupõe implicitamente a estabilidade daquilo que é vivenciado (Huang, 2025). O fluxo temporal pressupõe continuidade de identidade, fixação de conteúdos e coerência dos fenômenos ao longo de momentos sequenciais. Em

outras palavras, embora a articulação temporal seja um requisito para a organização da experiência, ela não é suficiente para explicar a possibilidade da própria experiência.

Segundo a estrutura atual, a camada mais fundamental é a certeza informacional. A continuidade do tempo pressupõe identidade; a fixação das coisas pressupõe retenção; a estabilidade das coisas pressupõe duração (Husserl, 2012). A ordem temporal da experiência não faria sentido sem uma estrutura de fundamentação, que é a certeza. A certeza é, portanto, tanto uma pré-condição quanto uma condição de possibilidade: ela permite que as estruturas temporais sejam realizadas de forma inteligente e assegura a permanência do conteúdo experiencial (Emami & Hunt, 2025; Findlay, 1975). Embora a certeza e a experiência temporal se impliquem mutuamente — de modo que nenhuma pode existir sem a outra —, a relação entre ambas é estruturalmente assimétrica. Enquanto o tempo explica o desenvolvimento da experiência, a certeza explica por que algo pode, primeiramente, apresentar-se como experiência.

Tal assimetria pode ser explicada por uma analogia com a lógica. Assim como a lógica de predicados expressa um nível mais estrutural que viabiliza a lógica proposicional, a fenomenologia da certeza especifica a camada subjacente que sustenta a articulação temporal (Fresco & Michael, 2016). A consciência temporal explica como as experiências se organizam e se associam entre si; contudo, a fenomenologia da certeza explica por que as experiências podem apresentar-se com certezas absolutas, unidas e consistentes. Nesse aspecto, a consciência do tempo em Husserl está estruturalmente subordinada ao contexto mais amplo da identidade informacional: ela depende desse contexto e nele se fundamenta — tratando-se da certeza que é, ela própria, real sob a forma de fenomenalidade (Bruni, 2025; Ciocan, 2025; Dretske, 1981; Emami & Hunt, 2025).

Essa perspectiva oferece uma explicação unificadora da experiência ao colocar em primeiro plano uma certa certeza anterior à estruturação temporal. As características do tempo permanecem necessárias e são definidas pelos aspectos relacionais e extensos da cognição; contudo, sua inteligibilidade é determinada pelas identidades informacionais — que pressupõem fixação e estabilidade — bem como pela auto-coerência reflexiva (Findlay, 1975). O tempo manifesta-se sob a forma de certeza; a certeza é o estado de possibilidade do tempo.

3.4 A CERTEZA DA APARIÇÃO E AS CONDIÇÕES FENOMENOLÓGICAS DA EXPERIÊNCIA

Um dos principais argumentos desta estrutura teórica é que a certeza fenomenológica é um requisito necessário para a própria existência da experiência, independentemente de como a experiência é modelada no tempo (Brentano, 2012; Bruni, 2025). A concepção de experiência pode ser atomista — como no caso do instantâneo cinematográfico e newtoniano de uma consciência — ou pode

ser estendida, com ênfase na duração, sucessão, retenção e protensão; contudo, o fato de ela aparecer é o aspecto fundamental. É apenas com o suporte de uma camada de identidade informacional prévia — que confere estabilidade, coerência e inteligibilidade à sequência de experiências — que a articulação temporal pode produzir fenomenalidade.

A experiência fenomenológica da temporalidade é inerentemente relacional: passado, presente e futuro estabelecem-se por meio de contraste, diferenciação e referência mútua. Tal relacionalidade, no entanto, pressupõe algo não relacional (Barwise & Seligman, 1997; Brentano, 2012; Bruni, 2025). Deve haver uma certeza que sustente a aparição e que seja absoluta, não relativa. Caso houvesse contingência ou gradação na certeza, nenhuma dimensão da experiência poderia possuir um caráter fenomenológico determinado. Essa certeza absoluta e não derivada é o que permite que as estruturas temporais se tornem fenômenos coerentes e inteligíveis.

Husserl corrobora esse argumento: embora rejeite representações atomistas ou cinematográficas do tempo, ele mantém uma estrutura tripartite — retenção, impressão primordial e protensão — que deve possuir uma marca fenomenológica determinada. A presença dessas estruturas pressupõe certezas absolutas, a despeito de sua composição ser, ainda assim, relacional e estendida (Fresco & Michael, 2016; Haj-Bolouri, 2025; Huang, 2025). A distinção feita por Franz Brentano entre a série de experiências e a experiência de sucessão esclarece ainda mais a necessidade de uma certeza de fundo: a série de experiências isoladas não constitui uma consciência temporal, ao passo que a estrutura fenomenológica temporalmente estendida exige um núcleo informacional unificado e certificador.

Mais importante ainda: o que não está sendo questionado aqui é a experiência subjetiva de certeza, mas sim a certeza da própria experiência. A fenomenalidade — o "como é" para o sujeito que a vivencia — deve envolver aparências que sejam fixas, coerentes e inteligíveis. Na ausência dessa certeza, toda experiência se manifestaria de uma forma, e relações temporais, relacionais ou extensivas não teriam existência fenomenológica (Husserl, 2019; Jansen & van der Steen, 2025; Jaued, 2025). A fenomenologia do tempo, assim, expressa-se na maneira como a experiência ocorre, ao passo que a fenomenologia da certeza expressa o fato de que a experiência ocorre. É com base nessa assimetria que a subsunção se constitui como tese, e que a consciência temporal se fundamenta na identidade informacional e fenomenológica mais básica da certeza.

4 DISCUSSÃO

A discussão da análise demonstra que a certeza — entendida como identidade informacional — constitui a camada fundamental da experiência fenomenológica. Ao conceituar a certeza como algo

intrínseco, absoluto e não relacional, o arcabouço teórico contraria tanto a fenomenologia quanto as abordagens tradicionais da filosofia da informação. Diferentemente de Husserl — que via as estruturas temporais (retenção, protensão e o presente vivo) como o estado final da experiência —, a presente análise situa a certeza em um nível de precedência lógica e estrutural (Kolmogorov, 1965). O tempo explica **como** a experiência ocorre, ao passo que a certeza explica **por que** a experiência é sequer possível. Essa distinção lança luz sobre um desequilíbrio estrutural mais profundo: a consciência do tempo é dependente, e essa dependência repousa na disponibilidade de um centro informacional reflexivo e autoidentitário.

A Singularidade Informacional da Autoconsciência (ISS) exemplifica esse papel fundamental. O grau máximo de certeza e reflexividade transforma o "eu" em uma estrutura estável e coerente, facilitando processos subsequentes de cognição, memória e intencionalidade. Sem essa singularidade, o tempo e as formas relacionais de experiência careceriam de coerência e inteligibilidade (Fresco & Michael, 2016). Da mesma forma, o Princípio da Relação Direta (PDR) formaliza o papel constitutivo da certeza em termos informacionais, identificando-o não apenas como um resultado da redução da incerteza, mas também como um fator de identidade e fixação.

Trata-se de um arcabouço que integra perspectivas quantitativas, semânticas e fenomenológicas sobre a informação para revelar uma dimensão da certeza — sua natureza estruturalmente informativa — até então negligenciada. Ele oferece uma explicação unificada sobre a interdependência entre tempo, autoconsciência e informação (Huang, 2025). Além disso, aborda dilemas filosóficos clássicos relacionados à identidade, à analiticidade e às condições das circunstâncias fenômenas. Ao estabelecer a precedência da certeza sobre a temporalidade, a relacionalidade e a cognição, a análise esclarece a ambiguidade em torno do fundamento da experiência, bem como os pré-requisitos conceituais de qualquer fenomenologia coerente.

Por fim, os resultados apontam para uma ampliação da compreensão epistemológica: as coisas tornam-se inteligíveis antes de se tornarem articuláveis. Assim como a lógica proposicional se fundamenta na lógica de predicados, a certeza constitui a base das estruturas temporais e relacionais, servindo como alicerce hierárquico para a compreensão tanto da consciência quanto dos sistemas de informação. Essa observação traz implicações não apenas para a filosofia da mente e a fenomenologia, mas também para teorias formais da informação e modelos computacionais de sistemas autoconscientes.

5 IMPLICAÇÕES

A redefinição da certeza como algo fundamental traz diversas implicações. Primeiramente, ela altera o propósito da teoria da informação: o foco deixa de ser a redução da incerteza e passa a ser a identidade e a estabilização reflexiva da informação. Isso implica que a redução da incerteza não é um objetivo primordial da informação; em vez disso, são a fixação estrutural e a coerência que geram o valor informacional. Em segundo lugar, essa abordagem refuta a ideia de que a consciência do tempo constitui o fundamento último na fenomenologia, demonstrando que as estruturas temporais derivam de uma certeza anterior. Em terceiro lugar, no âmbito da filosofia da mente, o modelo apresenta uma explicação fundamentada da autoconsciência, integrando retenção, unidade e reflexividade em uma única estrutura informacional.

Essa perspectiva possui aplicações práticas tanto no campo computacional quanto no cognitivo. Sistemas que simulam condições de consciência ou autorreferência não podem codificar informações incertas, pois necessitam codificar núcleos informacionais consistentes. O modelo também oferece novas ferramentas para analisar questões filosóficas clássicas, como a natureza da analiticidade, as circunstâncias da identidade experiencial e os fundamentos da intencionalidade. Ele fornece um ponto de partida conceitual que une diversas perspectivas sobre mente, cognição e conhecimento, ao estabelecer, como estruturalmente precedente, a situação de diálogo interdisciplinar entre fenomenologia, lógica e teoria da informação.

6 DIREÇÕES FUTURAS

O papel da certeza como base de investigação pode seguir diversas direções em pesquisas futuras. Primeiramente, evidências quantitativas sobre o papel constitutivo da certeza poderiam ser obtidas mediante a formalização do Princípio da Relação Direta (PRD) em termos de modelos lógicos ou baseados na teoria da informação. Esse tipo de formalização pode revelar características quantificáveis da identidade informacional que permeiam tanto a fenomenologia quanto as estratégias computacionais. Em segundo lugar, pode-se discutir a Singularidade Informacional da Autoconsciência (SIA) sob a ótica da neurociência e da ciência cognitiva, analisando como núcleos informacionais reflexivos são instanciados em estruturas neurais ou cognitivas sem serem reduzidos a processos físicos.

Em terceiro lugar, aplicações interdisciplinares poderiam examinar a informação das estruturas de certeza que fundamentam a inteligência artificial e os sistemas autônomos, especialmente no que tange à automanutenção, estabilidade e coerência de agentes adaptativos. Em quarto lugar, pesquisas fenomenológicas comparativas poderiam ser realizadas para verificar se modelos temporais ou

culturais alternativos de experiência pressupõem a mesma certeza fundamental, permitindo generalizações para paradigmas de consciência não ocidentais ou alternativos. Por fim, a síntese entre certeza, lógica formal, semântica e teoria da informação sugere que a epistemologia, a fenomenologia e a modelagem cognitiva devem convergir para uma síntese teórica, criando um terreno fértil tanto para pesquisas conceituais quanto empíricas.

7 CONCLUSÃO

Conforme discutido nesta pesquisa, a certeza — entendida como identidade informacional — constitui o estado final de possibilidade da experiência consciente, da articulação temporal e da autoconsciência. Demonstrou-se o caráter derivado das estruturas temporais, da relacionalidade e das medidas epistêmicas, conceituadas aqui como uma fenomenologia da certeza no âmbito da Filosofia da Informação. Um exemplo de como o "eu" é mantido constante e estabilizado com máxima certeza e reflexividade encontra-se na Singularidade Informacional da Autoconsciência, que confere coerência e unidade à experiência do tempo. O Princípio da Relação Direta institucionaliza a necessidade informacional constitutiva da certeza, revelando uma hierarquia estrutural na qual o tempo, a cognição e a relacionalidade dependem da identidade.

A análise combina os métodos da fenomenologia, da lógica e da teoria da informação, oferecendo um quadro coerente para compreender a estrutura da experiência e os requisitos para sua inteligibilidade. Tal abordagem altera as perspectivas filosóficas e científicas sobre informação, autoconsciência e temporalidade, ao enfatizar a certeza em detrimento da incerteza. A estrutura também oferece uma base para estudos interdisciplinares, relacionando fenomenologia, filosofia da mente, lógica e modelagem computacional. Por fim, o tratamento da certeza como estruturalmente anterior esclarece tanto a possibilidade quanto a coerência da experiência, fornecendo uma estrutura conceitual para investigar a identidade, a analiticidade e a estrutura informacional da própria consciência.

REFERÊNCIAS

Andersen, H. K., & Grush, R. (2009). A brief history of time-consciousness: Historical precursors to James and Husserl. *Journal of the History of Philosophy*, *47*(2), 277-307.

Atkins, R. K. (2024). Continuity and the Living Present: Husserl and Peirce on Time Consciousness. In *Phenomenology and Phaneroscopy: A Neglected Chapter in the History of Ideas* (pp. 189-206). Springer.

Barwise, J., & Seligman, J. (1997). *Information flow: the logic of distributed systems*. Cambridge University Press.

Brentano, F. (2012). *Psychology from an empirical standpoint*. Routledge.

Bruni, R. (2025). Review of: "Truthmaker semantics for epistemic logic" by Hawke, P. and Özgün, A., in "Kit Fine on truthmakers, relevance, and non-classical logic", 295--335, Outst. Contrib. Log., 26, Springer, Cham, 2023.

Ciocan, T.-C. (2025). The Ends of Certainty. *DIALOGO*, *11*(2), 231-265.

Dretske, F. I. (1981). Knowledge and the Flow of Information.

Emami, A., & Hunt, R. A. (2025). Entrepreneurship and the Phenomenology of Experiential Design: Applying the "Lifeworld" of Merleau-Ponty. *Journal of Business Venturing Design*, 100031.

Findlay, J. N. (1975). Husserl's analysis of the inner time-consciousness. *The monist*, 3-20.

Fresco, N., & Michael, M. (2016). Information and veridicality: Information processing and the Bar-Hillel/Carnap paradox. *Philosophy of Science*, *83*(1), 131-151.

Haj-Bolouri, A. (2025). The Philosopher's Corner: The'Immersed Flesh': A Phenomenological Conceptualization of Immersive Virtual Reality Embodiment. *ACM SIGMIS Database: the DATABASE for Advances in Information Systems*, *56*(2), 13-30.

Huang, D. (2025). Husserl on Active Temporalization. *Husserl Studies*, *41*(1), 43-63.

Husserl, E. (2012). *On the phenomenology of the consciousness of internal time (1893–1917)* (Vol. 4). Springer Science & Business Media.

Husserl, E. (2019). *The phenomenology of internal time-consciousness*. Indiana University Press.

Jansen, Y., & van der Steen, M. N. (2025). Inquisitive racialization or race after secularization: a critical phenomenological approach. *Identities*, *32*(3), 465-483.

Jaued, L. (2025). Informational Singularity of Self-Consciousness. *TPM–Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, *32*(S8 (2025): Posted 05 November), 675-679.

Kelly, M. R. (2025). Husserl and Phenomenology of Time. In *The Routledge Companion to Philosophy of Time* (pp. 99-110). Routledge.

Kolmogorov, A. N. (1965). Three approaches to the quantitative definition ofinformation'. *Problems of information transmission*, *1*(1), 1-7.

Liu, R. (2022). Explaining It Away? On the Enigma of Time in Husserl's Phenomenology of Time-Consciousness. *The Journal of Speculative Philosophy*, *36*(2), 277-289.

McInerney, P. K. (1988). What Is Still Valuable in Husserl's Analyses of Inner Time-Consciousness. In: JSTOR.

Merlan, P. (1947). Time consciousness in Husserl and Heidegger. *Philosophy and Phenomenological Research*, *8*(1), 23-54.

Missel, M., Andersen, L. K., Corvinius, C., Mathiasen, M. C., Donsel, P. O., Schønau, M. N., Pappot, H., Witting, N., Culligan, M., & Locatelli, G. (2025). Understanding symptoms in the lives of adult patients with acute or chronic illness: a phenomenological study of patient experiences. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being*, *20*(1), 2534871.

Nagel, T. (1974). What Is It Like to Be a Bat? the Philosophical Review 83 (4): 435–450. In.

Neukart, F. (2025). Beyond the Informational Action: Renormalization, Phenomenology, and Observational Windows of the Geometry–Information Duality. *Phenomenology, and Observational Windows of the Geometry–Information Duality*.

Parlar-Yazıcı, A., Norman, A., & Bacon, A. (2025). Exploring anxiety, uncertainty perception, treatment experiences and coping strategies: An interpretative phenomenological analysis. *Counselling and Psychotherapy Research*, *25*(1), e12872.

Rossi, N. (2025). Modelling the epistemic states of non-ideal agents. Hyperintensional accounts of justification, knowledge, and epistemic possibilitiy.

Saitta, V. (2025). Developing the Total Knowledge account in truthmaker semantics: a bilateral approach. *Synthese*, *205*(4), 171.

Sequoiah-Grayson, S., & Floridi, L. (2005). Semantic conceptions of information.

Su, E. I. (2025). Pearce's Characterisation in an Epistemic Domain. *arXiv preprint arXiv:2502.09221*.

Watts, B. R. (2025). *An Interpretative Phenomenological Analysis (IPA): Reflections on Navigating Uncertainty in Design* Old Dominion University].

Zhang, Y. (2025). A New Formal Approach to Two-Dimensional Semantics: Building on Davies and Humberstone's Two-Dimensional Modal Logic.